



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade Casa do Galato do Porto—Pago do Saco
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nui'Alvares R. Santa Catarina, 628—Porto
Visado pela Comissão de Censura

A PREGUIÇA DE REAGIR

VEM de muito longe os erros da assistência que se faz à creança. De tão longe, que crearam calos e agora não se sentem. Só um agulhão com lume na ponta, será capaz de queimar o que não presta até chegar ao são. Esta carta, é mais um documento. Digo mais, porque são inumeras as que temos recebido e continuamos a receber:

Peço perdão de me dirigir a V. mas as forças das circunstâncias assim o permitem.

Sou professora e tenho, aos meus cuidados um rapaz, desde pequenino, porque ficou orfão. Meti-o no Asilo de cá da Vila, mas agora dá-se o seguinte:

O rapaz tem 11 anos, faz este ano a 3.ª classe e sai. Eu vou em Outubro viver para o Porto a fim de educar 4 filhos que tenho. Não o posso levar comigo.

Tenho pena de o abandonar e êle tornar-se vadio. Lembrei-me então de me dirigir a V. Ele só sai em Julho, segundo a mesa me informou, mas eu preciso começar a saber o que consigo para o rapaz.

Este asilo da vila, é semelhante aos asilos das cidades e de outras terras do Império. A única evolução que tem havido nestas obras de assistência, é na maneira de escrever. Dantes, escrevia-se asylo. Agora não. Os estatutos, esses são antigos e copiados. Há os meninos ou meninas. Há a Direcção. Há a Mesa. E há a regra que manda embora o internado aos tantos de idade, como esta carta diz e toda a gente sabe.

De sorte que, depois de uns tantos anos de cama e mesa, e precisamente na hora em que a creancinha necessita verdadeiramente de ser orientada, o asilo, melhor, os Mesários, dão a sua missão por terminada, e entregam o menino aos cuidados de uma professora que ganha muito pouquinho e tem 4 filhos seus a educar e a sustentar. Quando não é uma professora de ensino primário, é uma família remediada e em ocasiões de aperto, até a rua serve! Quando foi da festa da inauguração da nossa capela, eu poderia ter feito subir ao estrado uma grande meia dúzia de ex asilados, para contarem à Nação os trabalhos que passaram nas ruas, onde a madrastra os expoz, até toparem a Mãe.

Podia, sim, que os temos cá em casa e também, naquele dia, estava a Nação na Pessoa dos Ministros. Mas para que tristezas nesse dia tão faustoso?! Os rapazes estão agora debaixo das azas da Mãe, e isso é o que mais importa. De resto, a Nação sabe tão bem como a gente, destas anomalias; não precisa que lhas digam ou que lhas mostrem. O que o Governo quer, é que o ajudem. Ora essa?! O Governo precisar que o ajudem?! Não é Ele supremo? Não tem Ele a faca mai-lo queijo? Tem sim senhor, mas nestes assuntos não sabe cortar. E se o faz, coita mal.

Dentro de Portugal, por amor de uma Patria mais saudavel e mais feliz, todas as forças que podem faze-lo, deviam acariciar e ajudar as obras de Assistência à Creança, como se elas fossem um «Pai de Família», com o encargo moral de criar e de colocar os filhos.

Os Mesários de tais obras, deviam eleger-se eles mesmos em verdadeiros «Pais de Família», em vez de simples administradores de rendas, e não deixar que os filhos saíssem de casa antes do tempo.

A Consciencia Nacional, havia de fazer um enterro de primeira classe a todos os estatutos existentes e pôr guardas no cemitério, não fôsse alguém desenterrar, para novamente valerem! E depois, tratar dos vivos.



O pequenino dá de comer aos pequeninos

CASO DO DIA

Bem se pode assim chamar o martirio desta creança! Sim. Isto acontece todos os dias. Ela é aquela mesma de quem nos ocupamos em um dos numeros anteriores de «O Gaiato»; vieram nos contar uma falsa historia a esconder responsabilidades, terríveis responsabilidades, e eu fingi acreditar. Não em enganei.

Quem procurava fazê-lo é que se enganou—e que engano! Tivemos a creancinha alguns dias de cama, a preparar-lhe o estomago para receber alimentos, mas hoje já anda ao sol.

A revolução do cristianismo, está toda e sempre na verdadeira compreensão de quanto vale a pessoa humana. A pureza da sua doutrina, há-de ir buscar-se ao amor dos homens. A creança está em primeiro lugar, pela sua natural indigencia. Merece o nosso amor.

O ventre da Mãe é o berço normal. Os médicos sabem que nada ali falta, nadinha, para assegurar e manter a vida. Escola de amor. Espelho de amor. Contrato bilateral do Criador e sua creatura. Mas êle é tanta e tamanha a malícia dos homens, que muitos deles não só se recusam a cooperar na Obra do Creador, como esta fotografia diz, senão que vão muito mais longe e penetram nos recintos sagrados, a conspurcar a maior beleza do mundo—a creança!

«O Gaiato» é o jornal mais terrível de todos quantos se publicam. Quem é que o diz?

As coisas que ele diz.



O semblante desta criança diz tudo. Bemaventurados os que souberam ler, compreender e chorar.

UMA CARTA

Manifesto-lhe antes de mais, a minha simpatia pela sua obra e permito-me discordar contra as alcunhas que V. mantém às crianças! V. não pode ergue-los «miraculosamente da lama» com o ferrête regressivo, com o apelido grotesco da alcunha, epíteto depreciativo que rebaixa, a maior das vezes, o portador.

Uma alcunha é um ferrête e V. assim, marca com um ferrête, os... «gaiatos». Quanto melhor não teria sido «Casa dos Rapazes». Vejo que V. nem é forte em teologia nem em psicologia. E' pena.

E' pena, sim senhor. Maior pena é, porém, que os fortes em teologia e em psicologia não façam alguma coisinha, para a gente ver e aprender.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Por via deste título, fui novamente por aí abaixo até aos Ministérios. Levo tudo apontado no meu caderno de notas, tantas são as coisas que tenho de procurar e no dia seguinte, começo a pisar as ruas da Capital. O meu primeiro desapontamento foi o não ter cama no hotel.

—Então que há?

—É a Mocidade. Uma festa da Mocidade.

Ora eu também ali estava por amor da mocidade. Outra mocidade. Mocidade desconhecida.

Foi, talvez, por causa da transcendência desta minha tarefa, que o dono do Hotel, com pena de eu ficar na rua, remediou-me naquela noite. Tive uma cama onde dormir. Agradei tamanha bondade.

Não faltava matéria para eu protestar o desarrajo da instalação e pedir as regalias dos Chefes da Mocidade Portuguesa, ao serviço do Ministério da Educação Nacional. Podia. Eu também sou comissário das juventudes, por vocação. Mas a gente recebe luzes especiais para servir com nobreza, e essa inteligência das coisas, dá equilíbrio.

Manhãzinha, abro o canhenho: *cimento. Corte de madeiras. Azeite. Pneus. Ministro Justiça, Assistencia. Finanças.* Um almocreve dos pobres tem necessidade de tudo. Com a pressa que tenho, começo o dia cedo, mas o pior é que em Lisboa não há pressas, e eu faço-me velho por aqueles salões de espera, a esperar.

Peço tinteiro, caneta e papel e escrevo o jornal. Estas linhas são, até, do meu cativo. Estou aqui há duas horas à espera de um senhor Director. Outros desgraçados como eu, gemem as horas e indagam:

—O senhor director, não virá?

—Vem sim senhor. Há-de vir.

Tudo aproveitamos para cimentar a obra. Mal vai ao homem, quando as coisas lhe correm todas e sempre à maneira dos seus desejos! O mesmo se diz das Obras. Pugnans interiores—e que pugnans! Pugnans exteriores. Assim se constroí em rocha firme.

Tinha dado todas as voltas. Chegou a hora do regresso. Aonde o tesoiro, aí o coração. Rumo a Paço-de-Sousa, no Rápido, que parte de manhã cedo e anda muito depressa. Resolvi ir por Miranda. Passo por Tomar, onde tenho amigos preciosos, e às tantas da tarde, dou sinal de paragem ao fundo da quinta. Aí vem a malta!

—Está cá o Mário. Chegou ontem à noite.

—Que Mário?

—O Mário de Paço de Sousa. Este rapaz é nosso conhecido. É aquele mesmo que o *rico paisinho* foi de uma vez buscar a Paço-de-Sousa, para o colocar, como se a *Obra da Rua* não tivesse ótimas probalidades de colocar os seus filhos!

Um ano depois, o rapaz volta ao ninho e ateima em ficar. Volta segunda vez e disseram-lhe que não. Foi então que ele se meteu a caminho, até Miranda!

O Camilo, um outro rapaz da Povia, que a *rica mãesinha* aconselhou a sair, fez o mesmo que o Mário do Porto, e está em Miranda.

Ontem, em Tomar, vem ter comigo o Fernando Cid, que já escrevera duas cartas a pedir readmissão, sem despacho favorável. Outra vítima, esta da *rica avósinha*, que não parou de escrever ao seu *rico menino* enquanto ele esteve conosco.

De onde se conclue que a maior desgraça destes entes, encontra-se na família que teem!

Formar destes rapazes pais de família capazes e responsáveis, eis o trabalho. É isto o que verdadeiramente necessitam.

Visitantes à nossa aldeia! Ninguém tenha medo da mingua, quando o povo faz sua obra social. *Obra da Rua* já não é mais a obra de um padre por serem muitos; por serem todos a querê-la. Quem no diz? Osromeiros, As cartas Os votos. A Nação!

Os automóveis, aos domingos, são em bicha. Fala-se num comboio a 5 de Maio. Fala-se em *comboios* de bicicletas no mesmo dia. Um poder de gente, que dará muito que ver e muito mais que falar.

Mais uma chuva de notas de 500\$ e de 100\$ e de 50\$ e de 20\$, consoante as posses e a devoção de cada um. A chuva cai nos pontos abrigados: comboios, electricos, camionetes, igrejas, salões. Em regra, é acompanhada de pontos de admiração pela obra e outros elogios grandiosos, para que não seja o meu alimento sempre sardinha nem sempre galinha. Mais 205\$ de um almoço dos «Carolas Agrícolas». Mais dois contos da «Sacor». Mais roupas no *Depósito* e literatura também. Mais duas máquinas de cortar cabelo. Mais 500\$. Mais 450\$ e mais nada.



Eis como eles chegam ao que é seu!

Crónica do Lar do Porto

Noticias dos pobres

○ Avelino quando fez a visita à sua pobre notou que tinha a casa asseada, mas é a que menos corresponde ao que lhe fazemos.

A pobre do Despacho e do Licínio estava pior. Deitava sangue pela perna, disse-o Licínio, mas que precisava de um candeeiro para de noite alumiar a casa. Como um candeeiro é uma coisa que algum leitor terá disponível, seria uma grande obra de caridade oferecê-lo a esta pobre mulher-sinha.

O ceguinho do Adriano e do Bernardino no dia da visita não estava em casa, tinha saído. Só estava a mãe. Esta pobre tem sempre a casa limpinha. É uma das coisas principais que nós obrigamos aos nossos pobresinhos; Recebemos diversos donativos, a saber: do Jornal «A Ordem», para a nossa conferencia quatro donativos de 5\$00, com encargo de irmos ouvir uma Missa por alma do Monsenhor Benevenuto, os quais foram já distribuidos. De uma senhora icógnita, 50\$00, e que peçamos a Deus por uma sua filha enferma. Mais de um anónimo de Coimbra, 20\$00. Agradecemos em nome dos nossos pobres.

Notas Diversas

Como os leitores talvez conhecem o Poupa é o homem das novidades. Há tempos foi à padaria, buscar o pão. Chegou e pediu ao caixeiro da padaria nestes modos: *a sinhora mandou me buscar os pães aqui à padaria para a Casa do Gaiato.* O homenzito e quem estava junto começaram numa valente gargalhada.

—O Fernando levantou-se a noite passada, a sonhar. A senhora ouviu alguém a saltar as escadas. Já tudo se tinha deitado. Foi ver e viu o Fernando em pijama a saltar as escadas quatro a quatro e a falar sozinho, *quero o pano dê-me o pano.* A Senhora deu-lhe uma pequena chapada para ele acordar, de repente acordou e começou a fugir pelas escadas acima, e tornou a deitar-se. No outro dia fomos-lhe perguntar o que ele queria à noite e disse-nos que não se lembrava de nada.

—Fomos todos, dia 5 dêste mês ao Coliseu. Só faltou o Rui e o Poupa. Um por estar de castigo e outro por ser muito dorminhoco. Ainda vendemos alguns jornais. 3 do nossos camaradas de Paço de Sousa, antes de cada intervalo disseram algumas palavras ao numeroso espectáculo, dos estudantes, em favor da nossa Obra. Estamos muito gratos à Tuna Académica.

O que nos ofereceram esta quinzena

Do Senhor Narciso Pinto Loureiro, recebemos 50\$00. Do Senhor António Ribeiro, uma cama de ferro e um colchão. 50\$00 da Senhora D. Libania Tavares. 150\$00 do Grupo Recreativo da Pape-laria Araujo e Sobrinhos. Mais 25\$00 de uma senhora. 20\$00 e mais 20\$00 que o Rui Trouxe: Roupas que trouxe o Armandino. 3 queijos de um anónimo. Regueifas e biscoitos da Intendencia. Agradecemos aos benfeitores.

Mais noticias da nossa festa

Como não foi possível a todos assistir à inauguração da Capela, quero dar uma noticia mais circunstanciada do acontecimento nacional. Nacional e original. Falou-se numa sessão solene, com a classica mesa da presidência e o concurso dos rapazes mais habilidosos, com suas recitações discursos e cantares. A qual sessão, segundo sou e costumes, se não levasse tres horas não pres-taria pra nada! Falou-se, sim, mas eu cortei imediatamente o fio da conversa. Tenho muito respeito ao tempo e às pessoas. Não sacrificaria nunca ninguém a apetites. Já há muito que tinha planeado uma sessão-relampago, e foi isso que se fez.

A *mesa da presidencia*, foi a propria que serviu ao almoço. Ninguém se mudou dos lugares. Abriu-se a porta de fundo, imediatamente a seguir ao café, e deu entrada na sala um operário. Era o Joaquim Carpinteiro. Esteve dois minutos a falar e outros tantos levou a desfilar o grupo de trabalhadores das obras. Tudo tal qual. Nem enfeites, nem caricaturas, nem nada. Agora vem a tropa. A nossa adorável tropa. Para não faltar nada à nossa *ordem*, faltaram muitos rapazes à chamada! Andavam milhares de pessoas na *aldeia* e eles, como de costume, à vontade no meio dos visitantes! Em vez de fiasco, foi, antes, o melhor numero do programa. A creança não é geométrica. Os que apareceram, encheram todos os segundos daquela inolvidável meia hora. Entra o grupo dos camponeses, muito dizimado pelas razões apontadas, mas não faltou, felizmente o Zé Sá, que tinha a palavra. Sobem ao estrado.

O Zé Sá é um moço desempenado. Já tem ido vender jornal e está afeito a falar *ós senhores*. Assim fez naquele dia, àquela hora:

«Nós cá somos os da herva. Nós temos 4 «bois e 4 vacas e um rôr de coelhos e muitas «ovelhas. Nós vamos pró campo apanhar herva «pró gado. Enquanto uns ceifam, outros acarre-«tam. Nós botamos de comer ó gado 4 vezes «ó dia.»

Dito o *discurso*, que levou meio minuto, o Zé Sá levanta a mão e exclama, à maneira que vai descendo o estrado: *eu sou de Braga.* O mesmo fazem os mais, berrando cada um o nome da sua terra. A seguir a esta, outras pequenas colectivi-dades aparecem, a dizerem, pela boca de um, o que fazem; e todos, a terra de onde vieram: *eu sou de Coimbra. Eu sou de Espanha. Eu sou de Angola.* Parias de todo o mundo!

As figuras passam coloridas, luminosas num grande fundo de verdade. São almas a erguer almas. A assistencia está comovida. Um rapaz vem contar a sua historia: *quando eu era pequenino, a minha Mãe botou-me a uma fôssa pra me matar.* Há arrepios no ambiente. Chora-se.

Sobem os da cozinha, altaneiros, vestidos de linho. É o António da Covilhã que toma a palavra: «Nós somos os da cozinha! Eu sou ajudante. «A louça é lavada às semanas, por outros rapazes. «O tacho é rapado pelos mais pequeninos, vez-à-«vez.»

Agora é o Inácio que vem cantar um hino ao linho: *Esta blusa que eu trago é de linho. Do nosso linho.* «Linho caseiro. Quem cá visse no «tempo, veria os campos em flôr. Ontem, flôr que «nos alegrava. Hoje, pano que nos veste. Dan-«tes andavam ò léu. Agora vestimo-nos de linho. «Foi arrigado nos campos, foi metido no rio, foi «malhado na eira, foi amassado no engenho, batido «pelas espadeladeiras, torcido pelas fiandeiros. «Padeceu no tear. Tanto sofreu o linho até nos «cobrir o corpo! *Vamos lançar mais semente às «geiras pra ter flores de que a gente gosta e «pano de que precisa.»*

Aparece o tragico, o comico, a poesia! Fecham os Rapazes do Lar de Coimbra. Fala «o Herlander: «Este meu colega é noivo; já com-«prou o fogão, o armario... Vai fazer o seu ninho. «Eu ando a tirar uma formatura em Direito para a «oferecer, a ela e a mim, à *Obra da Rua.*»

Por fim, levanta-se o Engenheiro Cencela de Abreu que poz o selo da Nação. Ele é Ministro. Falou nessa qualidade.

Foi meia hora de gloria. Todo o valor da festa esteve justamente, em ter demorado só meia hora. O Ministro pôde, assim, presidir, nessa tarde, a outros trabalhos em Matozinhos e Leixões. *Esto brevis et placebis.*

Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Alberto Fontes

QUANDO cá não há missa na nossa capela, ao domingo, temos que ir a Miranda. É uma pena: muitos homens andam a trabalhar, uns no campo, outros nas oficinas. Mas diz o «Pôrto» que mesmo assim *andam na estica*. Só nós suspiramos pelo domingo para não trabalharmos nesse dia. Não trabalhamos mas Deus sustenta-nos.

O buxa trouxe quarenta escudos de gorgeta da Louzã, o Rádio tem trazido assinaturas da Figueira e em Coimbra arranhou também 40\$00 de gorgeta. Diz que tem uma freguesa na Figueira que lhe dá 5\$00 pelo jornal, e dois papos-sêcos. Tem outra em Coimbra que lhe dá o almoço. Nos cafés de Coimbra, alguns senhores dão muitas vezes bolos e café aos que lá vão vender o jornal. Na Figueira o Sr. Administrador e os polícias compram-no sempre. Deve ser por causa do *pipita* a quem eles chamavam o *Pôrto*, que eles prenderam quando andava na quadrilha. Andam sempre a perguntar por êle. Tem-se portado bem, só uma vez é que fugiu pela linha abaixo, mas quando chegou a Coimbra já ia arrependido, e foi pedir perdão ao Sr. Padre Adriano. Na Páscoa há-de ir à Figueira buscar o irmão mais novo que anda por lá na miséria.

Manuel do Lourical anda a trabalhar de pedreiro em Godinhela que é a terra da brucha de muita fama. Até doutores lá vão consultá-la. Pois o Manuel já ganha oito escudos. Vai lá o Zé Luiz levar-lhe o almoço ao meio dia. Em toda a parte onde tem andado a trabalhar tem dado boa nota! Há-de ser êle o primeiro da casa a fazer de pedreiro da nossa Obra!

Barrigana continua a comer muito. Quando tem de esfregar a cozinha com a barriga tão cheia farta-se de suar e não lava nada. Às vezes fica com as mãos paradas na água de lavar a louça e a cantar: ó barrigana.

José Marreco que é da Praça Velha já há muito tempo que anda a pedir ao Sr. Padre Adriano que o deixe ir ver a Mãe, mas o Sr. Padre Adriano disse-lhe que só ia quando estivesse gordo porque ele veio para cá muito infezado. Há pouco foi ter com o Sr. Padre Adriano.—*Olhe os braços já estão gordos, agora só faltam as pernas!*

A nossa mãe de Tábuas é que nos tem dado milho para as papas. O Sr. Professor foi à vila pedir o nosso milho do racionamento. Veio um vagão dêle mas disseram que não tinham nenhum e que só nos pertenciam seis quilos de farinha de cevada. Se não fossem as pessoas que nos teem dado géneros, já agora tínhamos morrido à fome.

A nossa Capela

Eu construí a capela para mim, para mim, tres vezes para mim. Suspirei por este dia. Esperei com violencia. Hoje é a posse plena. A minha vida é volupia. Ninguém faz ideia do que seja o sentir (compreender não) na alma a presença real do Mestre, inefavel mistério a que os Crentes chamam o Santissimo Sacramento; — ninguém.

Temos necessidade de duas imagens. Uma de Francisco de Assis e outra de Vicente de Paulo. Estas imagens hão-de ser feitas em Coimbra, pelo João Machado, de pedra de Ançã. A de S. Vicente de Paulo, será um nadinha mais cara, por causa das duas creanças com que o santo se apresenta; uma pela mão e outra ao colo. Mas a de S. Francisco, não deve ir muito além de dois mil e quinhentos escudos. Para sermos praticos, o que mais convem é que a pessoa interessada me dê instruções e eu mando executar.

As imagens são de um metro de altura. Outra coisa: Também temos necessidade de azeite para a lampada. Azeite que traga a marca da tua devoção. Duas chamas silenciosas diante do sacrário: o teu azeite e a tua vida. É um pequenino vadio de ontem que espevita.

É o rebotalho que se dignifica. Um mundo que melhora. Tu, leitor querido, de onde estás, com a tua oferta, emprestas um bocadinho de luz a este quadro de luz.

Grande titulo tenho de pedir. Grande titulo tens tu de dar.

Lar de Coimbra

DESOBRIGA COLECTIVA

A' semelhança dos anos transactos, os Rapazes do Lar cumpriram, no dia 7, o preceito Pascal, desobrigando-se colectivamente.

Não podiamos permanecer imóveis ao brado do Céu, e numa altura em que todas as almas se aproximam da Mesa Eucaristica, onde se renovam os dons espirituais, as nossas também se dirigiram a essa força vivificadora, a esse uncial celeste.

Depois de um exame introspectivo, todos devem sentir a necessidade desabafar perante um representante de Deus, de contritamente, mostrar-lhe não só o mal cometido, mas também o bem omitido. O coração do homem é um abismo de trevas, onde pupulam inclinações de egoismo, de orgulho, de sensualidade, de ambição... E basta esse momento de alheamento total para ele se sentir aliviado de tanta podridão e puder subir desse poço a uma vida dignificante, mais próxima da Vida Suprema.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Este cantinho do Gaiato, que devia ser quinzenalmente preenchido pelo nosso punho, tem sido várias vezes interrompido, quer pela falta de assunto, quer pela exiguidade de tempo. Hoje, com algumas breves noticias inerentes ao desenrolar dos nossos factos quotidianos, inserimos alguns deles, que merecem fiquem gravados para estímulo dos Rapazes a que se faz referência.

—O Branquinho será dentro em breve mais um Pupilo que nos vai deixar a caminho do seu lar, do seu ninho. Muito poupado, evitando toda e qualquer extravagância, tem conseguido adquirir lentamente a sua mobília, modesta, sim, mas grandiosa pelo esforço e boa vontade do futuro nubente, que não se tem poupado a canseiras para levar à sua casinha uma vida de paz e amor.

—Sobre o ano lectivo, mais um período terminou. Dois finalistas dos cursos comerciais e industriais preparou-se para uma brilhante classificação final. Outros, no 4.º e 3.º anos, continuam a perseverar para alcançarem o honroso diploma de curso. No bom emprego do pouco tempo que lhes resta após as horas de oficina, numa diligência cuidada, e sustentados por uma vontade indomável em triunfar, tem-lhes sido possível vencer muitas dificuldades, derrobou muitos obstáculos que se lhes afiguravam invencíveis ao seu aperfeiçoamento.

—Nunca mais se viu a continuação das noticias do Lar insertas no Gaiato de 27 de Dezembro último, sobre o desenvolvimento da triplice ideia da nossa divisa «Sempre fidelis!» E ficou prometida para o próximo número de então! O tempo, esse poderoso factor que muitas vezes nos impede de fazermos tudo quanto queremos, não tem concedido trêguas àqueles que prolongam as suas vigílias até altas horas da noite. Mas agora, que o trabalho se tornou menos pesado por se terem concluído algumas obrigações, voltamos de novo ao conteúdo espiritual daquela nossa norma de conduta, daquele nosso guia à perfeição de nossas acções. E seria já hoje, se não fosse a extensão longa em que vai este cantinho. Será o primeiro assunto da próxima ocasião.

Herlander.

Pãodos Pobres

É o livro que Padre Américo escreveu e que se encontra há venda em todas as Livrarias de Portugal.

Mirante de COIMBRA

Está velhinha a Igreja de Santa Cruz. As suas pedras carcomidas são testemunhas de que Portugal foi sempre cristão.

Os Fundadores morreram, mas lá ficou ela sempre de pé até hoje, como a Patria por eles talhada. Gosto daquele santuário.

Foi ali, no passado domingo, que a ralé da cidade se reuniu para a Comunhão Pascal, em cumprimento duma promessa feita nas colónias de férias da Senhora da Piedade. Junto do túmulo do ilustre morto, o altar de Deus da vida.

O lixo esteve à altura do ambiente provando que, em matéria de ortodoxia, sabe ser tão português como o vidente de Ourique.

Do templo de Deus, passaram ao templo da aristocracia — o Café de Santa Cruz. Não sei se alguém se escandalizou com o contraste. Nós não.

Aqui, foi a dita aristocracia que esteve à altura de si mesma: acolhedora, generosa, magnânima. E' assim que a gente a idealiza.

Enquanto o proprietário quiz ter a amabilidade de oferecer os sessenta copos de leite — temos de fazer bem a quem faz bem — outro Senhor, com cinco notas de cem, saldou toda a conta das arrefadas que aqueles esfaimados garotos devoraram nuns segundos.

Ainda desta vez, a ralé mostrou de quanto era capaz, pois um dos pequenitos quiz privar-se daquela gulodice que meteu ao seio para levar à sua mãe. Não podia deixar de ser premiado tão heroico sacrificio.

Oh! se a miséria e a fortuna não vivessem de candeias às avessas, quanto teria de aprender uma da outra!

A Providência encarregou-se de semear por aí, a virtude, a generosidade, a arte, o ritmo, a melodia, a beleza de toda a espécie, para tornar menos duro o caminho da vida do pobre mortal. Mas, como todo o artista, deixou que algumas sombras saíssem do seu pincel, para realçar a beleza deste cenário da vida.

A Pobreza tem esta missão. Se não fôsse ela, nunca teríamos ocasião de edificar-nos com a riqueza dos bons sentimentos que Deus escondeu no coração dos homens.

Pena é que o dinheiro, qual tecido adiposo, impeça movimentos tão nobres do coração humano.

Bendita a hora em que os de cima e os de baixo se dão as mãos para caminharem juntos!

Para que há-de o homem separar o que Deus uniu?

P.º Adriano.

Crónica da nossa Aldeia

POR JOSÉ EDUARDO

A inauguração da Nossa Capela correu muito bem. O Sr. Bispo chegou às oito e meia e às nove começaram os actos inaugurativos. A' uma hora começou o almoço oferecido ao Sr. Bispo, ao Sr. Ministro das Obras Públicas, ao Sr. Governador Civil do Porto e às outras entidades oficiais. No fim do almoço desfilaram diante dos convidados 120 operários que trabalham na nossa aldeia tendo um dito algumas palavras ao Sr. Ministro. Depois disto vêm os da rouparia, das oficinas, os chefes, os do refeitório, o Inácio vestido com uma blusa de linho. E do nosso linho. Linho caseiro. Vêm também os representantes da Casa do Porto, Miranda e Coimbra. A' chegada do Sr. Ministro a Banda de Paço de Sousa tocou o Hino Nacional e os Bombeiros desfraldaram a sua Bandeira, verde e branca, coroada de muitos medalhões ganhos pela sua valentia e arrojo.

AS nossas oficinas já vão muito adiantadas. O andar de cima está quase pronto. Alguns rapazes trabalham lá a carpinteiro e já vão aprendendo, alguma coisa. Também lá temos um sapateiro. É o Claudino de V. N. de Gaia. Quando o Sr. P.º Américo pediu um sapateiro todos os pequeninos queriam ser. O que eles querem bem eu o sei. Querem fugir do serviço da senhora para mandriarem mais.



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade Casa do Galato do Porto—Paço do Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

CASTIGOS

TRAZIAMOS em mãos um caso grave, dos muitos que vão aparecendo na nossa vida de comunidade, quando uma carta de Braga nos veio auxiliar. Tínhamos necessariamente de castigar um dos nossos. Não era tanto a falta cometida que nos fazia doer, como a qualidade do castigo a aplicar.

Castigar bem, é coisa muito difícil, por ser uma acção espiritual. Mesmo que se use pau ou pedra, é sempre o bem das almas e a formação de consciências que estão em causa. Daqui nasce o sofrer muito mais o que se vê na obrigação de castigar do que o próprio castigado. Mais. O resultado do castigo há-de medir-se pela violência que se faz em o aplicar. Peço desculpa aos leitores de me dar assim ares de mestre, mas não sou. É tarimba. Um humilde tarimbeiro a escrever coisas sobre educação.

Ora eu tinha de castigar naquela noite o Zé Maria e foi a carta de Braga que me veio ensinar. Onde quer se encontra um mestre, quando a gente o não deseja ser. A carta é muito grande e rasga elogios à minha pessoa, que eu leio e aceito naquele mesmo espírito em que costume ler e aceitar as que rasgam censuras. Que são muitas e muito extensas, graças ao nosso Bom Deus. O que verdadeiramente nos interessa, diz assim:—*mandamos uma bola que fará o favor de entregar ao Veiga, nosso companheiro at que nos prestou serviços que não queremos esquecer. Quando o quizemos gratificar nada aceitou ainda que tivéssemos insistido.* A carta é de um grupo de Braga, que veio à nossa festa em camionete.

Tinha na mão a página do tratado. Ia dar naquela noite a lição.

Zé Maria e Veiga, entraram em nossa casa há mais de um ano, excepcionalmente, por serem ambos fora da idade. A folha de cada um, ao entrar, era muito semelhante. Viajados. Sabidos. *Estrelas* dos caminhos.

Chamei-os ao *tribunal* com voz forte e decidida. Obedeceram. Tinha ali à minha frente o bom ladrão e o mau ladrão. A comunidade não pestanejava, pela solenidade do acto.

Começo pelo *bom ladrão*. Leio a carta. Entrego a bola. Aperto-lhe a mão. Sento-o à minha direita. É um prémio merecido. São os visitantes que o louvam. Os rapazes ali presentes, sabem o que éle foi: guardou porcos no Alentejo. Andou zlugado aos ciganos. Roubava nas praças. Dormia nas prisões. Sabem o que éle fôra. E também são testemunhas do que éle tem sido cá em casa: um rapaz difícil com uma fuga de 15 dias, na qual arrastou os companheiros.

Escutam, agora, o testemunho publico da sua boa acção. Acreditam no esforço próprio; na possibilidade das almas. Quem soubesse ler no intimo, muito se havia de instruir naquela noite, à hora daquele tribunal, a julgar pelo semblante feliz de cada circunstante; muito!

Uma acção boa de um destes nossos rapazes, é o melhor tónico moral da comunidade inteira, se houver o cuidado de a levantar em hora e lugar próprios.

Vem agora a vez do *mau ladrão*. Ambos o

No rescado da nossa festa

Fala a Igreja. A Igreja docente. Os homens de Deus, ministros do altar, fogueiras do Evangelho:

Venho fazer consigo o meu acto de fé na Obra. E' dever afirmá-la quando há quem duvide. Não morrerá! Pelo menos enquanto tiver por ela o sangue dos dois Sacrificios: o de Deus e o dos homens. Que só morrem as causas por que ninguém se mata. E se não falta hoje quem ofereça um e outro, creio que não faltará no futuro quem esteja pronto para à primeira chamada responder: ecce ego!

Ouro ou prata não lhe mando que os não tenho... Queria dar-lhe a minha Missa de Domingo. Se a não tivesse prometido já aos meus pescadores prestes a largar para o mar alto... A 2.ª feira será toda para a Obra.

Sim, meu Padre; diz muito bem. O sangue é semente.

Outra carta:

Tenho seguido com interesse sempre crescente (ou eu não fosse sacerdotel!) a obra de caridade realizada por V.. A projecção de Deus nessa obra está à vista de toda a gente que tenha além dos olhos do corpo os olhos da fé e estes bem limpos e puros. Quando leio as pequeninas páginas do «Gaiato» eu encontro a cada passo os segredos duma alma arrebatada por Nosso Senhor a uma região que o mundo nunca vislumbrou. Sinto então anseios de estreitar nos meus braços o vulto de sacerdote que o meu espírito idealiza. A cruz de Paço de Sousa, afigura-se-me mais leve e mais suave embora irmã da grande Cruz da Redenção da qual recebe a luz que abre caminho seguro a tanto vadio abandonado.

Que Nosso Senhor o alente, P. Américo, que Nosso Senhor o fortaleça, como peço e hei-de pedir a Deus!

O mundo pede um sinal. Esta geração incrédula pede um sinal e não tem outro senão aquele que parece repudiar: o sinal da Cruz!

Mais uma carta:

Tenho imensa pena de não estar aí na grande festa da «Aldeia» mas esta minha carta vai anun-

foram. Este ainda o é, por isso mesmo se lhe chama o *mau*.

O silencio continuava. Esperava-se a leitura do caso e a sentença final. Não se leu o caso, nem se deu sentença. O prémio solene do Veiga, foi o castigo também solene do Zé Maria.

O rapaz estava amarfanhado quando para éle me voltei, verdadeiramente confundido.

A sua propria consciencia o castigou. Limitei-me a contar uma historia: era duma vez um homem que topou no caminho uma serpente enregelada. Com pena dela, mete-a no seio. Quentinha do sangue do seu benfeitor, a serpente desperta e morde-o.

Tinha terminado a *audiencia*. Dispersaram todos, cada um para sua casa, e todos em silencio: *era de uma vez um homem que topou uma serpente!*

Assim se caustica sem fazer sangue.

ciar que estarei espiritualmente. O meu coração está no meio desses Rapazes meus apaixonados a cantar hinos de Acção de Graças ao Senhor. Cada vez que leio o «Gaiato» tenho impressão que me sinto mais homem, e chego a ter inveja de não ser lixo para me formar nessa escola de Confiança e Amor e ser nervo da Nação. Mas que digo eu? Não serei nervo da Nação? Hei-de sê-lo, ensinando a escola do Amor aos Rapazes que formar. E' o amor que dá sentido à vida e transforma o mundo. No dia 24 aí estarei, não a exaltar o Senhor Padre Américo, mas a Deus que é grande nas suas obras e essa é de Deus. Sim, eu creio, sem a mínima dúvida, que só o Espírito Santo pode apaixonar um homem pelo que é nada diante do mundo e só o mesmo Espírito fará desse nada alavanca do mundo. E' da experiência histórica que Deus realiza as grandes obras com os nadas e lixos para o mundo. Que esses Rapazes sejam homens, para serem Revolucionários do Amor e da paz.

E' verdadeiramente o nosso Bom Deus que exalta as obras e as pessoas. E ao invés, humilha todos quantos procuram exaltar-se. O' homem que tens tu de teu, de que te possas vangloriar!?

Consciência falsa

O Zé Machado era uma figura da nossa aldeia, muito conhecido dos leitores pelas suas proezas. Tem vindo muitas vezes à tela. Digo era, porque se me afigura não mais o será. Chegou aqui hoje pelas mãos de um guarda do albergue e num instante desapareceu. E' esta a terceira vez que foge.

O Zé Machado foi sempre um rebelde sem ser, contudo, um perverso.

Induziu o Gregório do Fundão a fugir e foram por aí abaixo, mas na cidade de Aveiro zangaram-se. O Gregório entregou-se à Polícia e denunciou o companheiro, que também foi preso e de lá, creio que enviados ao Albergue do Porto. O Amandio foi por eles. Uma vez aqui, Gregório tomou imediatamente conta da sua obrigação e o vadio regressou ao Porto. Nos momentos que esteve conosco, declarou que é melhor estar no Albergue do que aqui. *Come-se melhor e não se trabalha*

Duas palavrinhas acerca desta proposição. A primeira coisa que ela nos revela, é o conceito que o rapaz tem da vida, base de todas as monstruosidades sociais. Durante mais de um ano e em todos os dias, teve a oportunidade de apreciar o Bem. Nada o interessou. Quere o Mal. *Não se trabalha e come-se bem.*

Se ele é verdade que esta doutrina, no individuo, é o pior que pode ser, que havemos nós de julgar de uma obra que a fornece?!

Ninguém pode duvidar da recta intenção do creador dos albergues, tão pouco da boa vontade das Pessoas que os dirigem. Mas toda a gente sabe, e os Directores das mesmas *sentem, sentem, sentem* que por faltas não se sabe de quem, os albergues não correspondem.

Mais. Os serviços da P. S. P. são de tal